Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

Letras n. 74

Letras, v. 35, n. 74, e95701, 2026 - DOI:10.5902/2176148595701 - ISSN 2176-1485
Submissão: 10/03/2026 Aprovação: 09/07/2026 Publicação: 04/11/2026

Artigos

Perspectivas críticas para os estudos dos Quadrinhos

Entre pedras e flores: cotidiano docente e sofrimento nas tiras da série Escola de Passarinhos

Between stones and flowers: teacher´s daily lives and suffering in The Little Birds School comic strips series

Jaqueline Adriana Príncipe Pedro[I]

Maria Isabel Borges[I*]

Resumo: Pretende-se trazer alguns aspectos sobre a representação do cotidiano docente, a partir da análise exploratória e interpretativista das tiras da série *Escola de Passarinhos*, de João Marcos Parreira Mendonça, publicadas entre 2019 e 2024. A partir de "pedras" (representando obstáculos) e "flores" (representando conquistas), foi delineado um cotidiano docente atrelado a formas de sofrimento, representadas via linguagem quadrinística. As "pedras" são os entraves estruturais e as pressões institucionais que atravessam o trabalho docente, enquanto as "flores" simbolizam os momentos de ruptura, resistência e reconhecimento. A perspectiva teórica contempla trabalhos ligados a: linguagem quadrinística, tira cômica e sofrimento.

Palavras-chave*: Tira cômica; Cotidiano docente; Sofrimento*

Abstract: This study aims to explore aspects of the representation of daily teaching life through an exploratory and interpretative analysis of the comic strips from the series *Escola de Passarinhos* (*School of Little Birds*) by João Marcos Parreira Mendonça, published between 2019 and 2024. Using "stones" (to represent obstacles) and "flowers" (to represent achievements), the study outlines a teaching reality linked to forms of suffering depicted through the language of comics. The «stones» represent the structural barriers and institutional pressures that shape teaching work, while the "flowers" symbolize moments of rupture, resistance, and recognition. The theoretical framework draws on scholarship regarding the language of comics, comic strips, and suffering.

Keywords: *Comic strips; Daily life of teachers; Suffering*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A escola brasileira contemporânea é atravessada por tensões que envolvem demandas pedagógicas, exigências burocráticas e desafios emocionais, configurando um cotidiano marcado por sobrecarga, adaptações constantes e negociações simbólicas. Nesse cenário, o cômico pode funcionar como uma forma de representar, sintetizar e problematizar experiências docentes e institucionais, transformando vivências individuais

[I] Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil
[*] Autor correspondente – belborges1@hotmail.com

Artigo publicado por Letras sob uma licença CC BY-NC 4.0.

em narrativas socialmente reconhecíveis. Ao converter situações complexas em cenas breves e visualmente expressivas, as tiras cômicas possibilitam o olhar crítico de práticas naturalizadas no ambiente escolar.

A tira, por sua brevidade narrativa e potência simbólica, constitui um espaço privilegiado para a crítica social, mobilizando recursos e estratégias típicos da linguagem quadrinística, em busca de uma produção de sentidos que revela o outro lado do cotidiano, como destacam estudiosos como Paulo Ramos (2011; 2017; 2022), Maria Isabel Borges (2022a; 2022b; 2023) e Rozinaldo Antonio Miani (2023). Neste artigo, parte-se da tese de que a construção narrativa da tira cômica também pode favorecer a compreensão do sofrimento docente. Para isso, foram analisadas as tiras da série *Escola de Passarinhos*, uma produção de João Marcos Parreira de Mendonça, desde a primeira publicação em outubro de 2019 até junho de 2024, totalizando 589 amostras sobre o cotidiano docente.

O objetivo principal é trazer alguns aspectos sobre a representação do cotidiano docente, a partir da análise exploratória e interpretativista das tiras da série já mencionada. Além disso, busca-se verificar possíveis relações entre tal cotidiano e o sofrimento.

Este artigo está organizado em duas seções principais. Na primeira, de um lado, articulam-se as principais características da tira cômica e da tira chárgica como gêneros das histórias em quadrinhos; e, de outro, apresentam-se aspectos ligados à série *Escola de Passarinhos* e referentes ao cotidiano docente. Na segunda, apontam-se alguns aspectos do sofrimento representado nesse mesmo cotidiano. Neste trabalho, uma tira chárgica é analisada para mostrar a combinação de particularidades dos dois gêneros citados, além de três tiras cômicas, para a demonstração teórico-analítica do sofrimento recorrente no cotidiano docente, materializado na temática predominante da série sob a legenda-título “Vida de Professor”.

A TIRA CÔMICA COMO OBJETO DE ESTUDO DO COTIDIANO DOCENTE: FUNDAMENTOS E ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho é uma amostra de uma pesquisa mais ampla, uma dissertação de mestrado, defendida por Jaqueline Adriana Príncipe Pedro[1] (2025), que inclui a análise das 589 tiras da série *Escola de Passarinhos*, publicadas entre outubro de 2019 e junho de 2024, na rede social *Instagram* (@escoladepassarinhos). O foco foi a representação do cotidiano docente em diferentes temporalidades, contemplando situações anteriores, durante e posteriores ao período da pandemia, com o objetivo de compreender continuidades e transformações do trabalho do/a professor/a. Na dissertação, na seleção e análise de 37

[1] Parte dos resultados da dissertação também foram divulgados em dois artigos: Pedro (2024a) e (2024b).

tiras cômicas, foram levadas em consideração a recorrência temática, a regularidade das publicações e a centralidade do trabalho docente nas narrativas.

A abordagem qualitativa de natureza interpretativa norteia a compreensão dos sentidos produzidos a partir da representação quadrinística do cotidiano docente, recorrendo-se à quantificação, por exemplo, para: (a) verificar qual gênero das tiras predomina nas publicações; (b) delinear temáticas que indiquem uma percepção "mais positiva" (as "flores"), "mais negativa" (as "pedras") ou ambas de tal cotidiano[2]. No quadro 1, são elencadas as fases necessárias para a compreensão do cotidiano docente quadrinisticamente representado, agrupadas em duas etapas principais.

Na primeira etapa, de caráter exploratório, foram realizados o mapeamento e a categorização temática das tiras. Por consequência, constatou Pedro (2024a; 2024b; 2025), também se observou o amadurecimento do estilo do cartunista João Marcos Parreira Mendonça, desde a primeira tira publicada em 2019, antes da pandemia, até junho 2024. Ao mesmo tempo, algumas temáticas foram constantes, tais como: a sobrecarga de trabalho, as relações interpessoais (professor/a e alunos/as; professor/a e pais; professor/a e equipe pedagógica), a burocracia escolar e o ensino remoto.

Na segunda, foi possível não só identificar os recursos e as estratégias vinculadas à linguagem quadrinística, observando as regularidades e as particularidades[3], como também entender o funcionamento a serviço de uma construção narrativa típica do gênero tira cômica — referência às principais ideias de Ramos (2011; 2017; 2022). Ao lado de tal gênero, mostra Pedro (2024b; 2025), o cartunista produziu tiras de homenagem, de luto e chárgicas. A primeira vincula-se a datas "comemorativas" e feriados (Dia Internacional das Mulheres, das Mães, dos Pais, do Autismo, dos/as Professores/as, Dia das Crianças etc.). A segunda faz referência a falecimentos, principalmente de figuras públicas importantes, como Quino, o criador da Mafalda, em 30 setembro de 2020. Já a tira chárgica consiste na combinação de particularidades de dois gêneros das histórias em quadrinhos: a tira cômica e a charge.

[2] Na primeira etapa (ver Quadro 1), após a compilação das tiras, identificação dos gêneros, categorização temática e organização cronológica, percebeu-se que o cotidiano docente está alicerçado em obstáculos, dificuldades e desafios, metaforicamente configurando as "pedras". Em contrapartida, há muitas situações atreladas a uma perspectiva mais "leve" e, em certa medida, alegre, materializando as conquistas, descontração etc. (as "flores").

[3] As regularidades e particularidades típicas da tira cômica também estão diretamente associadas a alguns princípios bakhtinianos (Bakhtin, 2016). Entende-se que um gênero discursivo, como é o caso da tira cômica, é constituído por um dizer relacionado a certa temática, organizado por determinadas escolhas lexicais e recursos característicos de uma linguagem (a quadrinística), também norteado por um estilo, que é alinhado a um gênero, e não ao estilo do autor.

Quadro 1 – Etapas da pesquisa

Etapas	Fases	Descrição	Objetivos
(1) Exploração das tiras	1.1 Compilação das tiras	Compilação de todas as tiras publicadas no Instagram, desde outubro de 2019 até junho de 2024	Construir um corpus para estudo exploratório (uma compilação de tiras)
	1.2 Identificação dos gêneros	Observação das características das tiras	Reconhecer os gêneros das tiras na série
	1.3 Categorização temática	Levantamento das temáticas	Mapear as temáticas vinculadas ao cotidiano docente, destacando as mais frequentes
	1.4 Organização cronológica	Distribuição em períodos semestrais de outubro de 2019 a junho de 2024	Apontar mudanças temáticas ao longo do tempo
(2) Análise das tiras	2.1 Estudo da linguagem quadrinística	Análise dos recursos e das estratégicas em funcionamento nas tiras	Compreender o funcionamento linguístico-quadrinístico e os sentidos construídos nas tiras compiladas
	2.2 Análise da rotina docente representada	Reflexão de como a rotina do/a professor/a é representada nas tiras	Identificar e refletir sobre as principais formas de representação docente
	2.3 Olhar teórico das representações mais recorrentes	Conexão entre as tiras e as perspectivas teóricas (discursos educacionais)	Interpretar criticamente os sentidos construídos nas tiras

Fonte: Elaborado pelas próprias autoras, com base na metodologia adotada para a análise de 589 tiras, publicadas entre outubro de 2019 e junho de 2024

Pautando-se em Barbara Basilio e Maria Isabel Borges (2019), Borges (2022a; 2022b; 2023), Laura Marques Sobrinho, Luís Fernando da Silva e Borges (2026) e Rozinaldo Antonio Miani (2023), na tira chárgica, constata-se que estão combinados dois fundamentos: (a) a maneira como a sequência narrativa é organizada em expectativa inicialmente construída e desfecho inesperado (fundamento da tira cômica); (b) tematização e reflexão de um fato contemporâneo ao momento de produção (fundamento da charge). Na próxima (Figura 1), tem-se um exemplo de tal "alicerce narrativo".

Figura 1 – Um exemplo de tira chárgica



Fonte: João Marcos Parreira Mendonça. Publicada em: 23 mar. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CM2Jy3Mlfbn/?utm_source=ig_web_copy_link:. Acesso em: 08 jul. 2025

Em março de 2021, o Brasil enfrentava o momento mais crítico da pandemia até então, chegando ao número de cerca de 3 mil mortes em 24 horas. O sistema de saúde estava em colapso em diversas regiões, as UTIs (Unidades de Terapia Intensiva) lotadas, e as famílias enfrentavam perdas sem sequer poder realizar rituais de despedida (Brasil, 2021[4]). Por isso, a tira em questão pode ser entendida como chárgica em função da conexão com o momento de produção, representando graficamente a dor da sociedade brasileira. Considerando os estudos de Juan Acevedo (1990), Antonio Luiz Cagnin (2014), Scott McCloud (2008) e Ramos (2022) sobre a expressão das emoções por meio da face e do corpo, o silêncio, a tristeza, a lágrima, a expressividade facial e a corporal da personagem — o passarinho — representam o luto e o sofrimento de uma tragédia não vivida até o momento no Brasil e no mundo.

Não se desenvolve uma sequência narrativa em direção a um desfecho inesperado, quando são consideradas as características típicas de uma tira cômica, segundo Ramos (2011; 2017; 2022). Em vez disso, reinventa-se a tira cômica como gênero discursivo pertencente ao agrupamento *histórias em quadrinhos* — um "grande guarda-chuva" (Ramos, 2022, p. 21). A tira chárgica é muito recorrente nas tiras da série *Armandinho*, uma criação de Alexandre Beck, comprovam Basilio, Borges (2019), Borges (2022a), Marques Sobrinho,

[4] BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico Especial – Doença pelo Coronavírus COVID-19. Brasília: MS, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude. Acesso em: jul. 2025.

Silva e Borges (2026). Quanto à organização da sequência narrativa, a tira chárgica mantém-se cômica, conservando a construção da expectativa e o "encerramento surpresa" (o desfecho inesperado). Porém, a construção dos sentidos (a totalidade) exige que o/a leitor/a considere o tempo de publicação da tira chárgica. Nesse caso, o tempo da interpretação — quando a construção dos sentidos ocorre — requer que o/a leitor/a leve em conta o vínculo estabelecido com o tempo de produção e publicação da tira.

Já a palavra "Brasil", localizada no canto superior esquerdo da tira, dentro de um retângulo de fundo preto e contorno em linha branca, é um exemplo de legenda que funciona como título (legenda-título), que situa o/a leitor/a quanto à temática a ser desenvolvida na tira. Segundo Pedro (2025), trata-se de uma particularidade das tiras da série *Escola de Passarinhos*. Na maioria delas (413) (Quadro 2), é feito o uso dessa forma de legenda; em outra (176), é preciso que o/a leitor/a interprete a tira para compreender a temática em discussão.

Quadro 2 – Tiras com temáticas e sem temáticas explícitas por meio de legendas

	2019	**2020**		**2021**		**2022**		**2023**		**2024**
	out. a dez.	jan. a jun.	jul. a dez.	jan. a jun.	jul. a dez.	jan. a jun.	jul. a dez.	jan. a jun.	jul. a dez.	jan. a jun.
413 tiras com legendas-título	06	25	88	34	27	38	38	53	51	53
176 tiras sem legendas-título	07	11	13	18	19	18	20	21	22	27

Fonte: Elaborado pelas próprias autoras, com base em 589 tiras compiladas por (publicação entre outubro de 2019 e junho de 2024)

Dentre as tiras com legendas-título, nove temáticas se destacam, direcionando-se a uma perspectiva "mais positiva" — figurativamente agrupadas e nomeadas como "flores" — do cotidiano docente em: "Vida de professor" (66 tiras) e "Felicidade do professor é..." (44).

Considerando as 413 tiras compiladas, com legendas-título, como a rotina docente se relaciona com o sofrimento humano? Como tal sofrimento se manifesta e pode quadrinisticamente ser representado? Na sequência, são trazidos alguns aspectos sobre o sofrimento, de modo que se possa refletir sobre as formas de representação em três tiras cômicas atreladas ao sofrimento docente, figurativamente nomeado como "pedras".

Quadro 3 – Temáticas de maior incidência em 190 tiras

Vida de professor	66
Felicidade do professor é...	44
Escola	28
Infância	13
Quarentena	10
Felicidade do professor nas férias é...	08
Ensino médio	07
Aulas remotas	07
Professor	07

Fonte: Levantamento e categorização feitos pelas próprias autoras a partir da compilação de 589 tiras (publicação entre outubro de 2019 e junho de 2024)

A TIRA CÔMICA E O SOFRIMENTO REPRESENTADO: AS "PEDRAS" E AS "FLORES" NA "VIDA DE PROFESSOR"

Diversos estudiosos[5] concebem o sofrimento como uma questão tipicamente humana. "O sofrimento está aí, desde a origem da vida, e diante dele o humano encontra-se desarmado" (Barus-Michel; Camps, 2003, p. 57). Também existem dificuldades em conceber o sofrimento, uma vez que se manifesta de maneiras variadas, tanto destacam Renault (2008) quanto Werlang e Mendes (2013). O sofrimento desperta interesse de várias áreas do conhecimento, tais como: Antropologia, Psicologia, Psicanálise, Sociologia, Bioética e Serviço Social.

O sofrimento não se limita a uma dor fisicamente sentida, embora ambos possam estar vinculados, como apontam Morgan, Wilkinson (2001), Renault (2008), Victora (2011), Werlang, Mendes (2013) e Wilkinson (2005).

> O sofrimento é sempre mais do que dor física; mais do que a violência; mais do que privação material; mais do que destruição; mais do que perda: o sofrimento é um estado do ser que "desfaz o nosso mundo" (Scarry, 1985). O sofrimento impõe uma distância emocional e social entre as pessoas que está além da linguagem (Weil, 1950: 77-8) (Morgan; Wilkinson, 2001, p. 203, tradução nossa[6])

O sofrimento, mesmo que individual, não se manifesta isoladamente nem está desvinculado das relações sociais. Nesse sentido, Morgan e Wilkinson (2001), Renault (2008),

[5] Jacqueline Barus-Michel e Christiane Camps (2003); David Morgan e Iain Wilkinson (2001); Emmanuel Renault (2008); Ceres Victora (2011); Jussara Maria Rosa. Rosangela Werlang e Jussara Maria Rosa (2013); Iain Wilkinson (2005).

[6] Morgan e Wilkinson (2001) baseiam-se em ideias de Elaine Scarry e Simone Weil, favorecendo o estudo do sofrimento sob outros olhares: "Suffering is always more than physical pain; more than violence; more than material deprivation; more than destruction; more than loss: suffering is a state of being which 'unmakes our world' (Scarry, 1985). Suffering imposes an emotional and social distance between people which is beyond language (Weil, 1950: 77-8)".

Victora (2011), Werlang e Mendes (2013) compartilham o princípio de que o sofrimento humano é social. Também se observam três formas de perceber/manifestar o sofrimento: a primeira atrelada a certa normalidade; a segunda "[...] indica que se começa a evitar a vida, se começa a evitar o viver" (Werlang; Mendes, 2013, p. 760); e a terceira forma se apresenta como incapacitante. Em linhas gerais, o sofrimento varia entre as capacidades das pessoas: de (a) sofrer, porém ainda prosseguindo a vida cotidiana; e de (b) sofrer, a ponto de não mais desejar viver. A vida, nesse caso, torna-se "um fardo". O sofrimento comporta vulnerabilidades humanas que funcionam como motivos ou causas, relacionadas à saúde, ao trabalho, às interações sociais, às expectativas de vida etc. "O sofrimento, sentido como infelicidade, mal-estar, desordem, injustiça, depende do meio social e cultural, do sistema de representações e simbolização, de sua solidez, força e riqueza" (Barus-Michel, Camps, 2003, p. 62).

No cotidiano docente retratado nas tiras da série *Escola de Passarinhos*, o sofrimento se manifesta de várias formas. Na tira seguinte, vinculada à temática "Vida de professor", a sobrecarga de trabalho gera sofrimento em uma das personagens (de cor laranja, à direta dos quadros), porque se manifesta uma impotência diante das demandas e tarefas a serem cumpridas. Questiona-se a constante necessidade de produtividade.

Por meio da linguagem quadrinística, na cena, apresenta-se um/a docente visivelmente cansado/a diante do acúmulo de tarefas e demandas burocráticas, representadas por pilhas de documentos, provas, planilhas e formulários. Recursos visuais, como gotas de suor, "fumacinhas" e traços (perto dos olhos) que sugerem tensão e exaustão, contribuem para reforçar o estado de desgaste emocional da personagem. A fala que enumera demandas não resolvidas e o excesso de papéis intensificam essa sensação de pressão constante. Em contraste, o gesto de acolhimento de um/a colega — materializado em um abraço silencioso (último quadro) — evidencia a relevância do apoio emocional entre os/as docentes e demais profissionais da educação, funcionando como contraponto às exigências impostas pelo cotidiano escolar.

Em meio ao sofrimento gerado pela sobrecarga e burocracia do trabalho docente, há espaço para o reconhecimento do próprio sofrer por meio do apoio (abraço), humanizando o cotidiano em contraposição à mecanização exigida pela produtividade exacerbada nos dias atuais, sobretudo com a pandemia e após ela (Pedro, 2024a). Ao final da tira, sob a ótica da produtividade desenfreada, seria esperado, por exemplo, que a outra personagem se mostrasse exigente, expressando alguma cobrança, colocando-se como uma autoridade. Entretanto, como elemento-surpresa, o ato de abraçar e sem nada dizer combate o sofrimento recorrente em ambiente escolar, que também é lugar onde a pressão por produtividade e falta de reconhecimento imperam.

Figura 2 – Da Exaustão ao Abraço



Fonte: João Marcos Parreira Mendonça. Publicada em: 23 out 2020. Disponível em:https://www.instagram.com/p/CrJRfaSL6Tq/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==. Acesso em: 28 fev. 2026

Nesse sentido, o filósofo Byung-Chul Han (2015) afirma que a sociedade contemporânea é marcada pela lógica do desempenho e da autoexploração, o que intensifica o esgotamento físico e emocional. Assim, o abraço rompe com essa lógica ao priorizar o acolhimento em vez da cobrança.

Figura 3 – Exaustão no cotidiano docente



Fonte: João Marcos Parreira Mendonça. Publicada em: 11 nov. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CWI-suWFsZQ/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 28 set. 2025

Em mais uma tira (Figura 3), retrata-se a exaustão típica do cotidiano do/a professor/a, especialmente no final do ano letivo. Visualmente, percebe-se o acúmulo de papéis ao redor da personagem, que indicam tarefas pendentes, como correções de provas ou atividades. O/a professor/a aparece cercado por folhas voando e empilhadas, a retratando a sensação de sobrecarga e de trabalho constante, uma manifestação do sofrimento. A pergunta e a maneira como o corpo ("depenado") e olhos são retratados reforçam a "ânsia" (certo desespero) por um período de descanso (letras em negrito podem sugerir ênfase no dizer), mostrando que o/a professor/a está física e mentalmente cansado/a. Ele/ela desesperadamente aguarda o encerramento das atividades escolares, quando faz referência ao mês de dezembro, as férias de final de ano letivo. Tanto a expressividade facial quanto a corporal evidenciam a representação da fadiga acumulada (o sofrimento corporificado). A rotina docente claramente se manifesta como um "fardo". Trata-se de um sofrimento representável em linguagem.

Segundo Barus-Michel e Camps (2003), o sofrimento possui sentido e propósito. Ele verbaliza-se de alguma maneira, mesmo que seja para expressar o caos, a "desordem das emoções ou dos sintomas" (Barus-Michel; Camps, 2003, p. 61). O sofrimento pode verbalizar-se embora possa ser indizível em palavras, configurando um drama humano, uma crise (uma face trágica) e uma "ausência de sentido". Também possui relação com a violência e com o trauma. Uma vez que o indivíduo está em sofrimento, ocorre uma manifestação, uma materialização. O sofrimento se mostra, revela-se, torna-se evidente de alguma forma. Tal manifestação se dá de acordo com a percepção singular de cada indivíduo. Com base em Barus-Michel e Camps (2003), cada pessoa humana percebe o sofrimento de uma maneira, sempre estando sob as influências sociais (externas). Nesse sentido, o sofrimento desestrutura a singularidade de cada indivíduo, porque o eu se desestabiliza; desorganiza-se.

Nas duas tiras anteriores, a personagem que é abraçada (Figura 2) e a que suplica por férias (Figura 3) representam formas de manifestação do sofrimento: de um lado, porque a face e o corpo favorecem a expressão dos efeitos das emoções na forma de desenho, recorrendo às potencialidades da linguagem quadrinística [por exemplo, as formas de expressão por meio da face e do corpo, segundo Acevedo (1990), Cagnin (2014), Ramos (2022) e McCloud (2008)]; de outro, porque torna visível aquilo que talvez seja difícil de explicar em palavras. Também possibilita retratar a intensidade do sofrimento por meio de outras formas de materializá-lo; a linguagem verbal é insuficiente. Nesse aspecto, em certa medida, há uma convergência com a concepção de que as histórias em quadrinhos, à primeira vista, mostrem personagens e mundos pelo visível (o que se vê). Contudo, prevalece que essas mesmas histórias muito mais significam por aquilo que está invisível — "os quadrinhos são a arte do invisível" (McCloud, 2005, p. 136).

O sofrimento quadrinisticamente representado (as "pedras") está aberto às ressignificações: se, antes (Figura 3), uma pilha de papéis fez referência à sobrecarga

de trabalho e à consequente exaustão, agora, pode sinalizar uma alegria na forma de reconhecimento (Figura 4) (as "flores").

A personagem que acreditava ter inúmeras provas a serem avaliadas se espanta com a quantidade de "cartinhas" produzidas pelos/as alunos/as, podendo ser entendidas como forma de homenagear e reconhecer o trabalho docente. Em contrapartida, percebe-se o quanto o trabalho docente facilmente está atrelado ao sofrimento, denunciando que o cotidiano, de fato, se caracteriza por um sofrer constante. Os momentos (Figura 4) e as atitudes (Figura 2) que exemplificam tal condição surgem como práticas de resistência.

Por isso, nas tiras trazidas até o momento, o sofrimento representado se configura como social por ser efeito de fatores externos do trabalho docente, também corporificando-se nas personagens, que funcionam como representações de professores/as reais (que falam em nome de sujeitos). Isso converge com a potencialidade de materialização do sofrimento social nos corpos, segundo Victora (2011), porque as pessoas, na condição de humanos/as, devem também ser entendidas como sujeitos históricos, socialmente situados e repletos de memórias e experiências. A doença como geradora de sofrimento não é negada como uma causa possível ou uma condição que favoreça o surgimento de um sofrimento físico (isso também aparece no cotidiano docente), mas é compreendida simultaneamente sob a ótica de como cada cultura e cada sociedade a percebem. Não há um entendimento universal e consensual do que sejam as doenças: "[...] as doenças não são entidades universais; de que se adoece/se sofre diferentemente em diferentes sociedades, culturas e tempos; e que há doenças/sofrimentos culturalmente específicos" (Victora, 2011, p. 2). No cotidiano docente, o cansaço infelizmente é naturalizado.

Figura 4 – Surpresas agradáveis



Fonte: João Marcos Parreira Mendonça. Publicada em: 17 jul. 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cj0ZvE5s1DQ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA%3D%3D. Acesso em: 25 maio de 2025

A dimensão social do sofrimento, de acordo com Victora (2011), aliada à ideia de corporificação, possibilita pensá-lo de maneira mais ampla, abarcando a historicidade do sujeito. No caso das tiras analisadas, está em jogo as experiências e a historicidade do/a professor/a. O corpo experimenta, sente o sofrimento. À medida que o sofrimento se corporifica, os sentidos se atualizam para o indivíduo, também impregnado de história e linguagem, logo um sujeito que sofre. Isso ocorre, porque o sofrimento desencadeia efeitos no sujeito na forma de reações linguístico-corporificadas.

> Como uma experiência sociocultural, existe como uma condensação corporificada do tempo histórico, ou seja, o sofrimento social é social não somente porque é gerado por condições sociais, mas porque é, como um todo, um processo social corporificado nos sujeitos históricos. É nesse sentido que a Antropologia, através do reconhecimento da sua especificidade, pode contribuir para a sua significação (Victora, 2011, p. 3-4).

Nas tiras da série *Escola de Passarinhos*, publicadas entre outubro de 2019 e junho de 2024, foram esboçadas percepções sobre o cotidiano docente, metaforicamente representado em: “pedras” (algumas formas de representar o sofrimento) e “flores” (alguns momentos de ruptura e resistência ao tido como “rotina tipicamente dura, difícil e desafiadora”) (Quadro 4). “Pedras” e “flores” também são, neste trabalho, uma estratégia textual-analítica para organizar o dia a dia do/a professor/a.

No cotidiano docente, as “pedras” simbolizam os entraves estruturais que atravessam o trabalho pedagógico, como a sobrecarga de tarefas, as exigências burocráticas e as pressões institucionais. Por meio do cômico construído nas tiras, essas dificuldades são evidenciadas ao serem apresentadas como situações aparentemente rotineiras, revelando o “peso” que tais demandas exercem sobre a prática profissional. O valor social do/a professor/a, entretanto, ultrapassa a dimensão estritamente financeira, envolvendo aspectos formativos, filosóficos e sociais. Sob a perspectiva crítica da educação, Paulo Freire (2019) compreende o/a docente como mediador/a dos conhecimentos, responsável por promover processos de reflexão e conscientização nos/as estudantes. De forma complementar, Maurice Tardif (2014) ressalta a complexidade do trabalho docente, que vai além da transmissão de conteúdos e contribui para a formação cidadã. No entanto, no plano material, a valorização profissional ainda enfrenta desafios, como aponta o Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014), ao destacar a necessidade de melhores condições salariais como elemento essencial para a qualidade da educação.

Quadro 4 – “Pedras” e “Flores” na rotina docente representada nas tiras

Metáforas	Categorias	Exemplificações	Observações
Pedras	Sobrecarga de trabalho	Professor/a com pilhas de provas, agendas lotadas, reuniões excessivas	Representações de cansaço, exaustão, falta de tempo para si
Pedras	Falta de reconhecimento	Situações em que o esforço do/a professor/a é ignorado pelos/as alunos/as, gestores/as ou pela sociedade	Expressões de frustração, invisibilidade e ironia nas falas
Pedras	Pressão emocional e saúde mental	Tiras com professor/a indo ao psiquiatra, estressado/a, com aparência de abatido/a	Relaciona-se à saúde emocional fragilizada e à síndrome de Burnout[7].
Pedras	Burocracia excessiva	Demandas administrativas que tiram o foco do ensino	Refletem-se o sentimento de inutilidade ou desvio da função pedagógica.
Flores	Afeto e vínculos com os/as alunos/as	Tiras em que o/a professor/a é lembrado/a com carinho ou participa de momentos afetivos	Enfatiza-se a dimensão relacional e humanizadora do trabalho docente.
Flores	Senso de missão e propósito	Reflexões em que o/a professor/a sente que está fazendo a diferença	Sentimento de contribuição significativa para a formação humana
Flores	Humor e resiliência	Situações cômicas que ajudam o/a professor/a a enfrentar as dificuldades	Mostra-se a capacidade de ressignificar a realidade com leveza
Flores	Criatividade pedagógica	Estratégias de ensino criativas ou improvisadas com sucesso	Representação da inventividade frente aos limites do sistema escolar

Fonte: Elaboração pelas próprias autoras a partir da compilação de 589 tiras (publicação entre outubro de 2019 e junho de 2024)

Nesse cenário, tanto nas tiras analisadas neste artigo (assim como na dissertação de Pedro (2025), evidencia-se que, embora o cotidiano docente seja marcado por “pedras”, ele não se resume às dificuldades, aos desafios e obstáculos. As representações sugerem que a prática docente está inserida em uma rede de relações e responsabilidades compartilhadas. A construção dos conhecimentos não depende exclusivamente do/a professor/a, mas envolve também a participação da família e as condições individuais dos/as estudantes, indicando que o sucesso ou as dificuldades no processo educativo resultam de múltiplos fatores interdependentes.

[7] A síndrome de *Burnout,* também conhecida como síndrome do esgotamento profissional, é um distúrbio emocional caracterizado por exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultantes de situações de trabalho desgastantes. (Fonte: Ministério da Saúde. ***Síndrome de Burnout.*** Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sindrome-de-burnout. Acesso: 21 set. 2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das tiras compiladas da série *Escola de Passarinhos*, principalmente na temática "Vida de Professor", ilustra-se um panorama detalhado da rotina docente, explorando simultaneamente os aspectos positivos e negativos do cotidiano escolar. É possível observar que a profissão envolve uma série de desafios, simbolizados pelas "pedras" do dia a dia. Entre elas, destacam-se a sobrecarga de trabalho (Figuras 2 e 3), a necessidade de conciliar múltiplas tarefas simultaneamente, a pressão por resultados (Figuras 2 e 3) e a mediação de conflitos em sala de aula. A representação dessas dificuldades, muitas vezes exageradas e retratadas de forma cômica, evidencia a complexidade do trabalho docente e a constante tensão entre as demandas institucionais e a atenção às necessidades individuais dos alunos.

Ao mesmo tempo, a temática ressalta os elementos positivos, as "flores", que permeiam a prática docente e equilibram o cotidiano do/a professor/a. Gestos de carinho (Figura 2), reconhecimento dos/as alunos/as e pequenas conquistas diárias, como cartas de agradecimento (Figura 4) ou momentos de interação afetiva, são ilustrados como fonte de motivação e satisfação profissional. Em contrapartida, não deixam de configurar formas de resistência ao sofrimento naturalizado no cotidiano docente.

Embora o sofrimento se faça marcadamente presente no cotidiano docente, algumas rupturas e resistências afloram, construindo uma visão realista da vida de professor/a. O sofrimento representado reforça a complexidade da profissão. Por fim, também coloca a tira como forma possível para a compreensão do sofrimento tipicamente humano e claramente representável pela linguagem quadrinística.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Juan. **Como fazer histórias em quadrinhos**. Tradução de Sílvio Neves Ferreira. São Paulo: Global, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio, notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARUS-MICHEL, Jacqueline; CAMPS, Christiane. **PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora**, v. 4, n. 1, p. 54-71, 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1676-731420030001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 jul. 2024.

BASILIO, Barbara; BORGES, Maria Isabel. O posicionamento de Alexandre Beck nas tiras cômicas de Armandinho. *In*: PELEGRINELLI, André Luiz Marcondes; MOLINA, Ana Heloisa; SILVA; Gustavo do Nascimento (Orgs.). **Anais** do VII ENEIMAGEM e do IV EIEIMAGEM [livro eletrônico]: Eixo 12 – Humor e Imagem, coordenado por Rozinaldo Antonio Miani, ISBN 978-85-7846-566-7, Londrina, UEL, 2019, p. 23-36. Disponível em: https://sites.uel.br/ledi/eneimagem-eieimagem. https://www.uel.br/eventos/eneimagem/2019/wpcontent/uploads/2019/08/12.HUMOR-E-IMAGEM.pdf. Acesso em: 8 dez. 2025.

BORGES, Maria Isabel. Armandinho e o ano de 2020: COVID-19 e outros temas. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**. Crato, v. 11, n. 1, 2022a, p. 88-105. Disponíveis em: http://revistas.urca.br/index.php/MacREN/article/view/172/150; https://www.researchgate.net/publication/361204319_Armandinho_e_o_ano_de_2020_COVID-19_e_outros_temas. Acesso em: 20 fev. 2026.

BORGES, Maria Isabel. Ilustrações editoriais: uma perspectiva sócio-histórica sobre a tragédia na Escola Estadual Raul Brasil. *In*: PELEGRINELLI, André; MOLINA, Ana Heloísa (org.). **Experiências visuais**: ecos temporais e ecos espaciais. Londrina: Eduel, 2022b. p. 57-79.

BORGES, Maria Isabel. Um estudo sobre as histórias em quadrinhos: alguns princípios teórico-metodológicos. *In*: OLIVEIRA, Esther Gomes de *et al*. (Org.). **Duas décadas de contribuições do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem**. Londrina, Eduel, 2023, p. 179-206.

BRASIL. **Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 jun. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 9 mar. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico Especial** – Doença pelo Coronavírus COVID-19. Brasília: MS, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude. Acesso em: jul. 2025.

CAGNIN, Antonio Luiz. **Os quadrinhos**: um estudo abrangente da arte sequencial, linguagem e semiótica. São Paulo: Criativo, 1975/2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 84. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARQUES SOBRINHO, Laura; SILVA, Luís Fernando da; BORGES, Maria Isabel. O silêncio na constituição discursiva da personagem Pudim em tiras chárgicas da série Armandinho. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 20, p. e020018, 2026. DOI:10.14393/DLv20a2026-18. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/79255. Acesso em: 7 jul. 2026.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. Tradução: Hélcio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 2005.

McCLOUD, Scott. **Desenhando quadrinhos**. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: M. Books do Brasil, 2008.

MENDONÇA, João Marcos Ferreira. **@escoladepassarinhos** – perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/escoladepassarinhos/. Acesso em: 08 mar. 2026.

MIANI, Rozinaldo Antonio. **Charge**: elementos de teoria e subsídios para uma metodologia de análise. São Paulo: Criativo, 2023.

MORGAN, David; WILKINSON, Iain, 2001. The Problem of Suffering and the

Sociological Task of Theodicy. **European Journal of Social Theory**, v. 4, n. 2, p. 199-214, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228759318_The_Problem_of_Suffering_and_the_Sociological_Task_of_Theodicy. Acesso em: 14 fev. 2026.

PEDRO, Jaqueline Adriana Príncipe. Professor, antes, durante e depois da pandemia da COVID-19: uma análise das tiras da série *Escola de Passarinhos*. **9ª Arte** (São Paulo), [S. l.], p. e219541, 2024.a DOI: 10.11606/2316-9877.Dossie.2023.e219541. Disponível em: https://revistas.usp.br/nonaarte/article/view/219541. Acesso em: 8 jul. 2026.

PEDRO, Jaqueline Adriana Príncipe. Regularidades e diferenças nas temáticas a partir das tiras da Escola de Passarinhos, de João Marcos Ferreira Mendonça. **9ª Arte** (São Paulo), [S. l.], p. e231085, 2024b. DOI: 10.11606/2316-9877.Dossie.2024.e231085. Disponível em: https://revistas.usp.br/nonaarte/article/view/231085. Acesso em: 8 jul. 2026.

PEDRO, Jaqueline Adriana Príncipe. **Vida de professor nas tiras da série *Escola de Passarinhos*, de João Marcos Parreira Mendonça**: uma análise. 2025. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

RAMOS, Paulo. **Faces do humor**: uma aproximação entre piadas e tiras. Campinas: Zarabatana Books, 2011.

RAMOS, Paulo. **Tiras no ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

RENAULT, Emmanuel. **Souffrances sociales**: philosophie, psycologie et politique. Paris, France: La Découverte, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VICTORA, Ceres. Sofrimento social e a corporificação do mundo: contribuições a partir da Antropologia. **RECIIS** - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, v. 5, n. 4, 2011. Disponível em: https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/764. Acesso em: 14 jan. 2026.

WERLANG, Rosangela; MENDES, Jussara Maria Rosa. **Sofrimento social**. Revista Serviço Social e Sociedade, n. 116, p. 743-768, out./dez. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sssoc/a/ZgB7nvx4ps8DmGFnvNVBYmd/?lang=pt. Acesso em: 14 jan. 2026.

WILKINSON, Iain. **Suffering**: a sociological introduction. Cambridge, UK: Polity Press, 2005.

Sobre os autores:

Jaqueline Adriana Príncipe Pedro

Doutoranda e Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). https://orcid.org/0009-0002-1713-8092 • jaqueline.principe@uel.br

Maria Isabel Borges

Doutora em Linguística (Universidade Federal de Santa Catarina, 2009). Mestra em Estudos Linguísticos (Universidade Federal de Uberlândia, 2004). Graduada em Licenciatura Plena em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa (Universidade Estadual de Londrina, 2003). https://orcid.org/0000-0002-3470-9566 • belborges1@hotmail.com

Conflito de Interesse

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Verificação de Plágio

A revista mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como Turnitin.

Editores convidados

Maria Clara da Silva Ramos Carneiro
Lielson Zeni
Valter do Carmo Moreira

Editor - chefe

Régis Augustus Bars Closel

Como citar este artigo

PEDRO, J. A. P.; BORGES, M. I. Entre pedras e flores: cotidiano docente e sofrimento nas tiras da série Escola de Passarinhos. **Letras**, v. 35, n. 74, e95701, 2026. DOI: 10.5902/2316882X95701. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/95701. Acesso em: XX/XX/XXXX